

O FEMININO E A CONCEPÇÃO DE CUIDADO: EVITA NA FUNDAÇÃO EVA PERÓN (FEP)

Ivana Aparecida da Cunha Marques, Universidade Estadual do Paraná
(UNESPAR- campus de Paranavaí)

Introdução

Antes mesmo de se tornar a primeira-dama da Argentina, em 04 de junho de 1946, Maria Eva Duarte de Perón (1919–1952) já ocupava a centralidade no diálogo com as massas populacionais, com atenção especial dada às mulheres. Seu passado de pobreza e seu desenvolvimento retórico, experienciado por meio de sua trajetória tecida anteriormente no universo artístico, propiciaram que Eva se tornasse, ainda durante a campanha presidencial de Juan Perón (1895–1974), uma representante notável das demandas populares.

Compondo o aparelhamento do Estado, Evita¹ passou a liderar a Secretaria de Trabalho e Previdência, órgão responsável por, entre outras coisas, atender os/as trabalhadores/as e suas exigências (Díaz, 2005). Com isso, e principalmente com a Fundação Eva Perón (FEP), instituição criada em 08 de julho de 1948 como Fundação de Ajuda Social Maria Eva Duarte de Perón, Evita marcou sua história na atividade assistencial, servindo de “ponte” entre o povo e o Estado, o qual era personificado por Perón.

Materiais e métodos

Este texto trata-se de um recorte da tese de doutorado da pesquisadora indicada, e tal trabalho analisou, entre outras coisas, os discursos antiperonistas propagados pelo jornal brasileiro *Tribuna da Imprensa* durante 1952 e 1964. A construção do resumo expandido ocorreu por meio de uma pesquisa qualitativa, explicativa e bibliográfica, e busca compreender de que modo ‘gênero’ e ‘assistencialismo’ se cruzaram na trajetória da primeira-dama Eva Perón.

Maternando uma nação

¹ Evita foi o epíteto dado pelos peronistas, de maneira carinhosa, à primeira-dama Eva Perón.

Juntamente com o Exército e a Confederação Geral do Trabalho (CGT), Eva formava o tripé de assistência aos grupos mais carentes da Argentina, sendo a Fundação Eva Perón (FEP) a responsável pelo engendramento e organização de “[...] hospitais, escolas, farmácias populares, enfermarias [...]” (Avelino, 2014, p. 55).

É certo que outras instituições de assistência social precederam a FEP, como foram os casos da Sociedade de Beneficência (SB) e da Federação das Associações Católicas de Empregados (FACE). E elas se caracterizavam por se manterem por meio do auxílio de instituições privadas, tendo sido criadas num contexto de domínio político e social das oligarquias sobre a população argentina (Silvero, 2022).

Para a pesquisadora Florencia Silvero (2022), no exemplo da Sociedade de Beneficência, surgida em 1823, seu funcionamento se pautava no princípio da meritocracia, ou seja, segundo suas lideranças, só seria auxiliado/a aquele/a que demonstrasse merecimento para tanto e fundamentasse suas ações nos valores morais definidos pela instituição, os quais eram sustentados nos ideais de família, humildade e trabalho. Dada a autovalorização dessa organização, fazer parte dela e de sua execução dotava de prestígio as chamadas “damas da Sociedade de Beneficência”, o que permitia que portas do espaço político fossem abertas para suas participações.

A Federação das Associações Católicas de Empregados (FACE), nascida em 1922, já se valia da força do trabalho feminino na sua operação, então não é por essa característica que a FEP se singularizou, mas sim pela conversão do assistencialismo em direito social, desempenhado, a partir de seu engendramento, não mais pela burguesia (de onde vinham suas antecessoras), mas pela classe trabalhadora, simbolizada na figura de Eva Perón.

Não obstante, isso não rompeu com a concepção das mulheres voltadas ao objetivo do zelo e do cuidado com o outro, de modo que, quando se tratava das enfermeiras da FEP, reiterava-se o papel tradicional estritamente vinculado à “[...] determinadas tarefas: higienizar, cuidar, curar, ajudar, confortar. Portanto,

interpreta-se que a enfermagem é uma ocupação predominantemente feminina” (Cipolla, 2021, p. 93)².

Essa noção do exercício do cuidado como ‘função de mulher’, inclusive no âmbito público, vai ao encontro do que a historiadora Maria Lúcia Mott (2001) considerou ao tratar do caso brasileiro entre os anos de 1930 a 1945. Seus estudos conceituaram como “maternalismo” a transferência para a esfera pública de atividades socialmente tidas como femininas e domésticas. Segundo Mott, isso pode ser compreendido como uma estratégia das mulheres que buscavam romper as barreiras do ambiente privado, e, para tanto, se valeram de profissões que eram consideradas alinhavadas aos seus verdadeiros dons, quais sejam eles, cuidar e prover.

Essa percepção é corroborada no papel das enfermeiras — argentinas, na presente narrativa. Sendo o zelo considerado característica natural e intrínseca à existência feminina, nas décadas de 1940 e 1950, durante a gestão do ministro da saúde Ramón Carillo, a FEP foi responsável pela elevação na quantidade dessas profissionais, especialmente devido à expansão na construção de hospitais: “[...] em 1946, havia oito mil enfermeiras em serviço, enquanto em 1953 o número aumentou para dezoito mil” (Cipolla, 2021, p. 94–95).³

Todavia, quando Eva faleceu, em 1952, a liderança da FEP foi transferida para um Conselho de Administração que estava sob a chefia de Juan Perón. Mais distante das bases sociais, a instituição passou pelo processo de burocratização de suas atividades. Sem a identidade da primeira-dama e com dirigentes que priorizavam questões financeiras, a fundação foi se esfacelando, tendo sido abolida de vez com o golpe de Estado de setembro de 1955 (Stawski, 2005).

Além dessa organização, Evita também mobilizou as mulheres argentinas por meio do Partido Peronista Feminino (PPF), surgido em 1949, responsável

² Tradução minha para: “[...] como sinónimo de determinadas tareas: determinadas tareas: higienizar, cuidar, curar, ayudar, confortar. Por lo cual, interpreta que la enfermería es una ocupación mayoritariamente femenina.”

³ Tradução minha para: “[...] en 1946 existían ocho mil enfermeras que se encontraban en servicio mientras que para 1953 la cifra se incremento a dieciocho mil.”

por obter a conquista do voto feminino no país. O ponto é que, à frente destas instituições, a primeira-dama foi se tornando um modelo de benemerência, cuidado com o outro, beleza e atuação política.

As historiadoras Rachel Soihet e Suely Gomes Costa (2011) defendem que as atividades assistencialistas fazem com que mulheres públicas adquiram maior protagonismo na vida política, podendo, mesmo que simbolicamente, se desvincular das figuras masculinas. Tratando dos casos de Eva Perón e Alzira Vargas, filha de Getúlio, as pesquisadoras em questão assentem que:

Em suas apresentações no exercício do poder, o campo de atividades assistenciais foi um lugar de exercício e de produção de matéria política de que se fazem os maternalismos. Ambas, como primeiras-damas, agregam, em seus percursos, mais e mais mulheres num movimento de mesmo sentido: o da política dos cuidados, numa instigante mimesis política que promove deslocamentos dessas atividades do espaço privado para o público [...] (Soihet; Costa, 2011, p. 08).

A relação de proximidade estabelecida entre Eva e as massas populares teria sido essencial para, entre outras coisas, permitir a estabilidade política do peronismo, assim como tornar Eva um símbolo de liderança dos governos presididos por Juan. Se converteu na “mãe dos pobres” e o fez em meio ao paradoxo da tomada do poder e da cena política, ao mesmo tempo em que utilizava desse espaço para defender ideais de maternidade e feminilidade (Carvalho, 2015).

Considerações finais

Assegura-se que, ao longo da História, as mulheres têm se utilizado estrategicamente do discurso do maternalismo para que, por meio dele, obtenham maior independência para adentrarem e se movimentarem em meio às esferas públicas e/ou políticas, garantindo direitos enquanto cidadãs. Eva Perón se destacou de diversas maneiras no espaço público, porém, foi por intermédio das vias simbólicas da atividade assistencial que ela logrou grande parte de sua autonomia e protagonismo. Pelo PPF, ela organizou politicamente as mulheres; pela FEP, ofereceu ajuda material, mas também espiritual e religiosa, dimensões do cuidado que a instituição oferecia às camadas sociais

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im)pactos sociais”

mais carentes da Argentina, especialmente mulheres, crianças e idosos. Através da construção e manutenção de Lares-Escolas, Lares-Escolas e policlínicas, Evita inaugurou um tipo de assistencialismo, nomeado por ela como “ajuda social”, um modelo que funcionava não pelos comandos da oligarquia, como era o caso das sociedades das Damas de Beneficência, mas que se baseava nas percepções, trabalhos e direcionamentos de uma mulher que tinha a pobreza em sua biografia e história.

Referências

AVELINO, Yvone Dias. La madre dos descamisados. Eva Perón: vida e trajetória política. *Cordis*. Mulheres na história, São Paulo, v. 2, n.º. 13, p. 49–65, julho–dezembro, 2014. Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/22713>.

CARVALHO, Jéssica Mayara de Melo. O Grande Lar Argentino: a cidadania feminina Segundo Eva Perón. In: *1º Seminário Internacional de Ciência Política: Estado e Democracia em mudança no século XXI*, Porto Alegre, 2015.

CIPOLLA, Damian A. El camino hacia la profesionalización de la enfermeira y la fecunda experiência de la Escuela 7 de Mayo de la Fundación Eva Perón. Aproximaciones cuantitativas y cualitativas. *Red Sociales Revista del Departamento de Ciencias Sociales*, v. 8, nº 2, p. 89-122, 2021. Disponível em:
<<https://ri.unlu.edu.ar/xmlui/bitstream/handle/rediunlu/1731/9.-El-camino-hacia-laprofessionalizacion.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>.

DÍAZ, Martha Susana. *Mulher e poder: o caso de Eva Perón na política argentina*. Salvador- BA, 2005, 227 f. (Dissertação) Universidade Federal da Bahia, 2005.

MOTT, Maria Lúcia. Maternalismo, políticas públicas e benemerência no Brasil (1930-1945). *Cad. Pagu*, Campinas, v.16, 2001, p. 199-234.

SILVERO, Florencia Amado. *La estética mediante el peronismo y el antiperonismo. Uma aproximación a la obra de la Fundación Eva Peron (1948-1952)*. In: n. Inst. Arte Am. Investig. Estét. Mario J. Buschiazzo, 2021, v.51, nº 1, p. 1-14.

SOIHET, Rachel; COSTA, Suely Gomes. La manzana de la discordia. *Repositorio Institucional UNAL*, Colômbia, v.6, n.2, 2011, p. 7-25.

STAWSKI, Martín Esteban. El populismo paralelo: política social de la Fundación Eva Perón (1948-1955). In: *X Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Universidad Nacional del Litoral, Rosario, set. 2005.

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im)pactos sociais”